



**3º ANO
ENSINO RELIGIOSO
SETEMBRO/2021
ATIVIDADES**

**CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS
DISCIPLINA DE ENSINO RELIGIOSO
3º ANO - ATIVIDADE REF. AO MÊS/PERÍODO de: SETEMBRO/2021**

NOME: _____ TURMA 3º _____

→ ATIVIDADES – SETEMBRO:

TEMA: RELIGIÃO E MEIO AMBIENTE E AS QUATRO ECOLOGIAS

1-Por que a adaptação dos ensinamentos religiosos em relação ao meio ambiente significou uma nova fase no pensamento religioso?

2-A corrente bhakti do Hinduísmo sintetiza os processos de aniquilação (Shiva) e regeneração (Vishnu) na figura do Krishna Universal: “Eu sou a meta, o sustentador, a testemunha, a morada, o refúgio e o amigo mais querido. Sou a criação e a aniquilação, a base de tudo, o lugar onde se descansa e a semente eterna” (Bhagavad-Gita 9,18). Krishna se oculta sob todas as formas de vida. Explica como o trecho citado reflete, *in globo*, o pensamento do Hinduísmo acerca da natureza.

3-As três religiões Abraâmicas (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo) participam de uma visão comum acerca da Criação e do papel do Homem na natureza. Explica essa visão comum dessas religiões sobre a Criação e o papel do homem nela.

4-Como o Budismo e o Hinduísmo relacionam Homem e Natureza?

5-Faça um quadro comparativo entre os conceitos de:

Ecologia ambiental	Ecologia social	Ecologia mental ou profunda	Ecologia integral

TEXTOS AUXILIARES

COMO AS RELIGIÕES VEEM O MEIO AMBIENTE

O homem como guardião da Terra

Em boa parte das tradições religiosas a humanidade seria responsável por cuidar da Terra e de todas as outras criaturas vivas para o Criador. O *Homo sapiens* seria uma espécie privilegiada pela razão, e por isso teria essa predominância sobre as demais criaturas.

A crise ambiental levou todos os setores, inclusive as religiões, a ficar alerta. Em 1986, da Basílica de São Francisco de Assis, na Itália, saiu o documento A Declaração de Assis, assinada por representantes do Budismo, Cristianismo, Hinduísmo, Islamismo e Judaísmo. O encontro dos líderes dos cinco maiores sistemas de crença foi proposto pelo príncipe Philip, duque de Edimburgo, então presidente do WWF International, que nove anos depois fundaria a Aliança das Religiões e Conservação (ARC). A partir daí, a ARC reuniu, além das declarações destas cinco crenças, outras sete.

A adaptação dos ensinamentos religiosos para reavaliar a natureza e minimizar sua destruição pôde marcar uma

nova fase no pensamento religioso – assim avaliou Thomas Berry, historiador das religiões e “ecoteólogo” americano morto em 2009. Ele considerava necessária uma reavaliação abrangente das relações do ser humano com a Terra se quiséssemos que nossa espécie continuasse viável em um planeta cada vez mais degradado.

Isso exigiria a adoção de visões de mundo diferentes das que capturaram a imaginação das sociedades contemporâneas industrializadas, que vêm a natureza como um objeto a ser explorado. O desafio é descobrir como as diferentes tradições religiosas podem contribuir para essa discussão.

Hinduísmo

Para o Hinduísmo, todas as vidas têm a mesma importância e desempenham papéis fixos, mas em conjunto. Se algum elo dessa cadeia é perdido, todo o equilíbrio ecológico será perturbado. Todos os tipos de vida – insetos, pássaros e animais em geral – contribuem para a manutenção do equilíbrio ecológico. No entanto, todos os animais desempenham suas funções sem precisar refletir sobre o que estão fazendo. Por isso, a contribuição da humanidade nessa cadeia deveria ser maior.

De acordo com a tradição Vaishnava, a evolução da vida neste planeta é simbolizada por encarnações divinas, começando por peixes, passando a anfíbios, animais mamíferos até a encarnação em humanos. Isso conduz a uma reverência pela vida animal, da qual teríamos evoluído.

O ambiente natural também tem destaque nas antigas escrituras hindus. Florestas e bosques são considerados sagrados. Assim como animais foram associados com deuses e deusas, plantas e árvores também foram relacionadas ao panteão hindu. O *Mahabharata*, texto sagrado monumental em tamanho e importância no hinduísmo, diz que, “mesmo se houver apenas uma árvore cheia de flores e frutos em uma aldeia, esse lugar se torna digno de adoração e respeito”.

Além dessa reverência às árvores, os rios também são parte integrante da prática religiosa hindu. Apesar da contaminação, a água do Ganges desempenha um papel importante na vida ritual da Índia.

Um antigo ditado hindu diz: “A Terra é nossa mãe e todos nós somos seus filhos. A Terra alimenta, abriga e veste. Sem ela não nos é possível sobreviver. Se a humanidade, como filha, não cuidar dela, ela diminuirá sua capacidade de cuidar dos seres humanos”.

Judaísmo

Na atitude clássica judaica, a natureza é consequência direta da crença de que o universo inteiro é o trabalho de Deus, criado para a humanidade. É, portanto, errado desperdiçá-la.

A base para toda a ética judaica – ama o teu próximo como a ti mesmo – se aplicaria à proteção do ambiente. Para os judeus, Deus disse que os primeiros seres huma-

nos foram feitos para dominar a Terra e todas as coisas vivas. Mas isso não significaria uma “carta branca” divina para explorar a natureza sem remorsos. Deus situa o homem no jardim e diz a ele para trabalhá-lo e vigiá-lo. Estas seriam as implicações desse domínio. Tal mandamento, de vigiar o jardim, caracterizaria a Terra como propriedade de Deus, não dos homens.

A narrativa da criação, que abre a *Torá*, é bem clara nesse sentido: “No princípio criou Deus o céu e a terra.” (Gn. 1,1). Quando Deus criou o mundo colocou ordem no caos primordial. O Sol, a Lua, as estrelas, as plantas, os animais e, finalmente, o homem foram criados com um lugar legítimo e necessário no Universo. Na tradição cabalística, Adão deu nome a todas as criaturas de Deus, ajudando a definir sua essência. E jurou viver em harmonia com aqueles a quem ele havia nominado. Assim, no início dos tempos, o homem aceitou a responsabilidade, diante de Deus. “Tomou, pois, o Senhor Deus ao homem, e pô-lo no paraíso das delícias, para ele o cultivar e guardar.” (Gn. 2, 15)

Budismo

Embora a imagem de Buda sob a árvore da iluminação não tenha sido interpretada tradicionalmente como paradigma para o pensamento ecológico, ambientalistas budistas apontam que o Buda nasceu, alcançou a iluminação e morreu sob árvores.

O Budismo defende uma atitude simples e não agressiva para com a natureza. Os conceitos de Karma e Renascimento apontam uma conexão entre todas as formas de vida sencientes. Na visão do monge tailandês Buddhadasa Bhikkhu (1906-1993), o Cosmos inteiro é uma cooperativa. O Sol, a Lua e as estrelas vivem juntos, e o mesmo é verdadeiro para os seres humanos e animais, árvores e a Terra.

No mito budista das origens, o organismo humano destrói a ordem natural das coisas, afetando diretamente os processos naturais em razão da sua moralidade. Ao começar a olhar para nós mesmos e a vida que vivemos, podemos vir a reconhecer que a verdadeira solução para a crise ambiental começa em nós mesmos. No texto do Dhammaphada, declarando qual é a atitude do Homem nobre (Arya), está escrito: “Um homem não é um Arya – alguém que optou por viver com nobreza – se agride criaturas vivas. Verdadeiro Arya, alguém que optou por viver com nobreza, é aquele que pratica *ahimsa*, não-violência.” (Dham. 19, 20 [270])

Cristianismo

No Evangelho do Apóstolo João (Jo. 1, 1-3), diz: “No princípio era [existia] o Verbo e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele; e nada do que foi feito, foi feito sem ele.” Evidenciando o texto que toda a criação é obra do Logos (Verbo) Divino, isto é, o próprio Deus, a idéia cristã acerca do universo criado é a de que o soberano de tudo é o próprio Deus e “Ele é antes de todas as coisas, e nele tudo subsiste. (Col. 1, 17). Não caberia ao Homem dispor de qualquer maneira da Criação, mas administra-la (Gn. 2, 15).

A cosmologia do Cristianismo mostra o homem como a imagem e semelhança de Deus, confiando-lhe domínio exclusivo sobre todas as outras criaturas. Isso confere certa duplicidade ao ser humano: ao mesmo tempo que tem esse domínio, encontra-se submetido aos desígnios de Deus. É o mesmo dilema moral que aparece em quase todas as religiões monoteístas.

Por conta dessa dualidade, a dominação do homem não poderia ser tomada como licença para abusar, esbanjar ou destruir o que foi criado por Deus. Os cristãos

acreditam que a recusa do primeiro homem em viver de acordo com os pressupostos divinos trouxe desarmonia em sua relação com Deus e as outras criaturas. Essa rebelião perpetuou-se na História, tomando várias formas de injustiça, dominação e exploração, o que teria tornado praticamente impossível para os homens viver em concórdia entre si e com o resto da criação.

Em uma acepção contemporânea, a humanidade deveria mostrar responsabilidade por lugares e espécies, ser o “mordomo” da continuidade da vida, cuidar da Terra como criação de Deus, ser responsável pelo bem comum e para as gerações futuras, promover uma visão de consumo de recursos menos predatória.

Islamismo

A essência do ensinamento islâmico é que o universo inteiro é criação de Alá. A humanidade é considerada muito especial, porque foi criada com a razão e o poder de pensar, e até mesmo os meios para se voltar contra seu Criador.

Para o Islamismo, o papel da humanidade na Terra é de um “curador” de Deus. A Terra pertence a Deus, e à humanidade foi confiada a sua guarda. Manter a integridade da Terra seria, então, tarefa do homem como guardião do planeta.

Concorde com a tradição semita, o Alcorão considera a existência dos astros, da Terra, dos vegetais e animais, das águas e do ser humano, uma obra de Deus (cf. Suras 2,164 e 39,5). Este cria todas as coisas por sua livre vontade, mediante a potência de sua Palavra criadora: “Deus cria o que quer. Quando decreta alguma coisa, diz apenas seja, e ela é” (Sura 3,47). Em outros versículos, há referências ao papel originário das águas: “Da água Ele criou o ser humano” (Sura 25,54). E ainda: “Criamos todos os seres vivos a partir da água” (Sura 21,30). Isto concorda, em certa medida, com a cosmogonia aquática do Gênesis: “Fervilhem as águas de seres vivos” (Gn 1,20); mais tarde retomada pelo apóstolo Pedro: “A palavra de Deus fez surgir da água a terra; e esta, sustentada pela água” (2Pd 3,5).

A humanidade precisa se posicionar em relação a temas diversos – incluindo os ambientais – e preparar-se para fazer escolhas, pois em outra vida será responsável por aquilo que fizer aqui na Terra.

Acima de tudo, para o Islamismo a humanidade deve preservar o equilíbrio. Em virtude de nossa inteligência, o homem deveria ser a única criação de Deus com a responsabilidade global de manter o planeta no equilíbrio ecológico encontrado quando da criação da Terra.

O DESAFIO AMBIENTAL DE SE COLOCAR EM PRÁTICA AS 4 ECOLOGIAS

A palavra ECOLOGIA já foi ouvida por todos vocês, não foi? Desde a Rio-92 a mídia começou a usar essa palavra indiscriminadamente, virou moda, mas pouco foi explicado sobre o conceito dessa palavra.

A palavra **Ecologia** tem origem no grego “*oikos*”, que significa casa, e “*logos*”, estudo, significando “O estudo da casa (Terra). Foi usada pela primeira vez em 1869, pelo cientista alemão Ernst Haeckel para designar o estudo das relações entre os seres vivos e o ambiente em que vivem.

Hoje a Ecologia moderna se dividiu em várias vertentes, de acordo com o Teólogo ambientalista Leonardo Boff: ecologia ambiental, ecologia social, ecologia mental e integral. Abaixo o conceito de cada uma das vertentes segundo Boff.

Ecologia ambiental se preocupa com o meio ambiente, para que não sofra excessiva desfiguração, com qualidade de vida e com a preservação das espécies em extinção. Ela vê a natureza fora do ser humano e da sociedade. Procura tecnologias novas, menos poluentes, privilegiando soluções técnicas. Ela é importante porque procura corrigir os excessos da voracidade do projeto industrialista mundial, que implica sempre custos ecológicos altos.

Se não cuidarmos do planeta como um todo, podemos submetê-lo a graves riscos de destruição de partes da biosfera e, no seu termo, inviabilizar a própria vida no planeta.

Ecologia social – não quer apenas o meio ambiente, quer o ambiente inteiro. Insere o ser humano e a sociedade dentro da natureza. Preocupa-se não apenas com o embelezamento da cidade, com melhores avenidas, com praças ou praias mais atrativas. Mas prioriza o saneamento básico, uma boa rede escolar e um serviço de saúde decente. A injustiça social significa uma violência contra o ser mais complexo e singular da criação que é o ser humano, homem e mulher. Ele é parte e parcela da natureza.

A ecologia social defende o desenvolvimento sustentável. É aquele em que se atende às carências básicas dos seres humanos hoje sem sacrificar o capital natural da Terra e se considera também as necessidades das gerações futuras que têm direito à sua satisfação e de herdarem uma Terra habitável com relações humanas minimamente justas.

Ecologia mental ou profunda sustenta que as causas do déficit da Terra não se encontram apenas no tipo de sociedade que atualmente temos mas também no tipo de mentalidade que vigora, cujas raízes alcançam épocas anteriores à nossa história moderna, incluindo a profundidade da vida psíquica humana consciente e inconsciente, pessoal e arquetípica.

Há em nós instintos de violência, vontade de dominação, arquétipos sombrios que nos afastam da benevolência em relação à vida e à natureza. Aí dentro da mente humana se iniciam os mecanismos que nos levam a uma guerra contra a Terra. Eles se expressam por uma categoria: a nossa cultura antropocêntrica. O antropocentrismo considera o ser humano rei/rainha do universo. Pensa que os demais seres só têm sentido quando ordenados ao ser humano; eles estão aí disponíveis ao seu bel-prazer. Esta estrutura quebra com a lei mais univer-

sal do universo: a solidariedade cósmica. Todos os seres são interdependentes e vivem dentro de uma teia intrincadíssima de relações. Todos são importantes.

Ecologia integral- parte de uma nova visão da Terra. É a visão inaugurada pelos astronautas a partir dos anos 60 quando se lançaram os primeiros foguetes tripulados. Eles vêm a Terra de fora da Terra. De lá, de sua nave espacial ou da Lua, como testemunharam vários deles, a Terra aparece como resplandecente planeta azul e branco que cabe na palma da mão e que pode ser escondido pelo polegar humano.

O ser humano é a própria Terra enquanto sente, pensa, ama, chora e venera. Os cosmólogos, vindos da astrofísica, da física quântica, da biologia molecular, nos advertem que o inteiro universo se encontra em cosmogênese. Isto significa: ele está em gênese, se constituindo e nascendo, formando um sistema aberto, sempre capaz de novas aquisições humanas, estamos igualmente em processo de antropogênese, de constituição e de nascimento.

Fontes:

BHAGAVAD GITA. Trad. Franz. W. Lorentz. São Paulo: Pensamento, 1941.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. Pe. Antônio Pereira de Figueiredo. Lisboa: Typographia Universal, 1867.

DHAMMAPADA: a senda da virtude. Trad. de Nissim Cohen (upasaka Dhammasari). São Paulo: Palas Athena, 2004.

O ALCORÃO. Trad. Mansour Chalita. Rio de Janeiro: Best Seller, 2010.

RIBEIRO, Monica C. Como as religiões vêm o meio ambiente. Página 22, 2015. Disponível em:

<<https://pagina22.com.br/2015/07/06/como-as-religoes-veem-o-meio-ambiente/>>. Acesso em: 14 de agosto de 2021.

SENA, Erica. O desafio ambiental de se colocar em prática as 4 ecologias. Atitude Sustentável, 2012. Disponível em:

<<http://atitudesustentavel.com.br/ecocardiograma/2012/12/06/o-desafio-ambiental-de-se-colocar-em-praticas-4-ecologias/>>. Acesso em: em 14 de agosto de 2021.